Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1220

ANAUÊ! (1935-37): O COMUNISMO EM PÁGINAS VERDES

Prof. Dr. Rodolfo Fiorucci
Instituto Federal do Paraná – IFPR/Jacarezinho

Resumo: O trabalho tem como objetivo demonstrar a forma superficial com que as questões ideológicas foram tratadas na revista integralista *Anauê!*, em especial o comunismo, identificado como o inimigo mais preocupante da nação (e do mundo) no contexto dos anos 1930. Importa compreender os mecanismos de doutrinação, utilizados por um partido político que dialogava com o fascismo, para a sedução de novos leitores e para a construção de "verdades" que careciam de substrato do mundo real.

Palavras-chave: Revista *Anauê!*; Comunismo; Integralismo.

Financiamento: CAPES

No atual contexto é visível a ascensão de ideologias conservadoras e fascistas, tanto no Brasil como no mundo. É inegável que a imprensa tem papel fundamental na reascensão destes movimentos, tanto quanto teve nos anos 1930 e 1940 (Fascismo e Nazismo), quando a humanidade se deparou com um dos maiores atentados da história, o holocausto. Na verdade, por meio da palavra impressa e/ou sonorizada pelas ondas do rádio, os movimentos fascistas propagandearam sua ideologia de forma eficaz no entre guerras, angariando adeptos às suas hostes cada vez mais numerosas (Ver ADAM, 1995; WELCH, 1995).

No Brasil, os ecos destes grupos, nos anos 1920-1930, influenciaram determinados setores sociais que viram nesta ideologia e sua doutrina a opção inovadora e diversa em relação tanto ao comunismo como ao capitalismo. Não à toa surgiram grupos de tendências fascistas em território nacional, entre os quais o mais representativo daquele momento, a Ação Integralista Brasileira (AIB), chefiada pelo jornalista, político e escritor Plínio Salgado (TRINDADE, 1979, p. 91-98 e 116). A AIB se valeu de mais de uma centena de jornais, panfletos e revistas oficialmente ligados ao partido para se pronunciar, além das frequentes notas, artigos e reportagens veiculadas na grande imprensa nacional, o que tornou o grupo conhecido no cenário político.

A maioria das publicações integralistas se caracterizava pela escrita doutrinária e maçante, voltada para o militante, o que reduzia sua capacidade de propagandear o movimento a público numeroso (FIORUCCI, 2014, p. 78), especialmente nos anos 1930, quando a imprensa ilustrada, por suas características mais leves, lúdicas, com abusos de cores, fotografias e imagens, contava com grande apreciação do leitor, traços estes que não faziam parte da imprensa verde.[1]

Para enfrentar este problema a AIB lançou *Anauê!*, considerada sua principal revista, que circulou de maneira irregular entre janeiro de 1935 e dezembro de 1937. Embora grafando em suas páginas a temporalidade "mensal", publicou apenas 22 edições em três anos de circulação, indício de dificuldades administrativas e financeiras para se manter "viva". Circunscrita no ramo das revistas ilustradas, contou com muitas fotografias e imagens em suas páginas, estratagema que visava ampliar o alcance da doutrina integralista para além de seu militante. Como demonstrou recente tese de doutoramento (FIORUCCI, *Op. Cit.*), *Anauê!*, muito embora utilizasse ferramentas típicas das revistas ilustradas, não conseguiu escapar ao tom doutrinário, repetitivo e maçante que marcava as folhas verdes, mas também não foi mais do mesmo dentro dessa estrutura de imprensa. Inovou muito na forma, nem tanto no conteúdo.

Num mercado bastante concorrido, com revistas mais bem feitas e aceitas – *Cruzeiro, Revista da Semana, Fon-Fon, Careta* -, *Anauê!* sofreu para ocupar espaço, mas cavou sua trincheira de luta neste ramo revisteiro mercadológico (algo que eles próprios criticavam). O uso do termo "trincheira", aqui, justifica-se pela referência de resistência árdua em campo de batalha inimigo, pois adotou recursos técnicos e estilísticos do ramo ilustrado, mas abordou temáticas não comuns às revistas deste segmento. Empregou imagens, fotos e cores (poucas) para divulgar uma doutrina, uma ideologia e um partido político. Ou seja, apenas maquiou um discurso já corrente em suas outras publicações, o que prejudicou bastante sua circulação no mercado revisteiro. Eram temáticas pouco atraentes para leitores comuns que não buscavam debates, notas ou informações sobre questões ideológico-políticas.

Por outro lado, é preciso reconhecer que dissolveu o debate político pesado por meio da imagem e da pilhéria. Ainda que esse teor menos denso seja encontrado com mais ênfase na segunda fase de *Anauê!* (as 10 últimas edições da

[1] O adjetivo "verde" é aqui utilizado para referenciar a imprensa integralista, pois os militantes deste movimento e partido político usavam um uniforme nesta cor, sendo comumente conhecidos como camisas-verdes.

revista), sob a gestão de Manoel Hasslocher, destaca-se o esforço em levar ao militante e ao leitor geral uma descrição mais simplificada e acessível da doutrina integralista e do cenário político nacional e internacional, característica oposta, por exemplo, ao conteúdo encontrado em outra revista verde, a *Panorama*, que divulgava herméticos e extensos textos teóricos em suas páginas.

Em *Anauê!* um dos elementos de maior destaque era o comunismo, ainda que não fosse o numericamente mais recorrente nos conteúdos. Isso se explica por uma estratégia editorial que se acentuou aos poucos nesta revista, cujo leitor era atraído por chamadas ou títulos aleatórios (iscas), sendo o comunismo criticado no desenrolar da leitura ou da apreciação da fotografia ou imagem. Além disso, é preciso lembrar que a revista se esforçava para apresentar novidades que atraíssem público, o que a forçava a diminuir ou, pelo menos, diluir o conteúdo doutrinário em suas páginas.

Essa estratégia se explica porque, tal como esclareceu Eliana Dutra, o comunismo foi, em âmbito internacional, o grande tema motivador de ações e participações em movimentos e debates políticos e ideológicos nos anos 1930, caso que se repetiu no Brasil, especialmente após o levante de novembro de 1935, popularmente conhecido como a Intentona Comunista,[2] amplamente explorado pela imprensa para denegrir a ideologia moscovita (DUTRA, 2012, p. 24). A partir daí o inimigo real estava selecionado, sendo o mau identificado com o estrangeiro, inclusive com a atribuição de um rosto a ele: o de Stálin (Idem, p. 45).

Não foi por acaso que *Anauê!*, quando publicou alguma imagem de um líder internacional em tom crítico, foi o líder soviético o escolhido. Todavia, a AIB apenas fomentou uma onda já existente, não sendo a criadora do anticomunismo. Tanto liberais como fascistas e integralistas se colocaram nas fileiras contrárias aos movimentos de esquerda, erigindo uma visão pública do comunismo.

Sem dúvida, como atesta a bibliografia acadêmica sobre o integralismo, o anticomunismo foi crucial para o estabelecimento de uma postura dos camisas-verdes, sempre autoapresentando-se como defensores do bem contra a

[2] Designação cunhada pelos meios oficiais com uma intenção depreciativa, foi um movimento deflagrado em 23 de novembro de 1935, em Natal, pelos sargentos, cabos e soldados do 21º Batalhão de Caçadores. No dia 24 de novembro, sublevou-se o 29º Batalhão de Caçadores, sediado na Vila Militar de Socorro, a 18km de Recife. No dia 27, a revolta eclodiu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no 3º Regimento de Infantaria, da Praia Vermelha, e na Escola de Aviação Militar do Campo dos Afonsos. Todos esses levantes foram promovidos em nome de uma revolução popular e da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

enfermidade que representavam as ideias de Moscou. Ainda que haja divergências nesta própria bibliografia sobre a primazia do anticomunismo nas publicações integralistas, é inegável sua constância e importância. Por exemplo, Hélgio Trindade afirma que no conjunto de textos impressos e ideológicos integralistas o antiliberalismo é mais acentuado que o anticomunismo (TRINDADE, *Op. Cit.*, p. 238). Já Rodrigo Oliveira, em seu esforço de compreender toda a estrutura periódica verde, defende que apenas nos textos teóricos não houve concentração de escritos sobre o comunismo, sendo que a imprensa informativa trabalhou fortemente sobre o tema (OLIVEIRA, 2009, p. 212-213).

Sem entrar no mérito da questão, pois apenas pesquisas pontuais sobre os periódicos poderia esclarecer tal dúvida, o fato é que, em *Anauê!*, o comunismo não estava entre os assuntos mais abordados (quantidade), porém, sem sombra de dúvidas, era tratado com mais contundência e acidez que os outros. Se não era o mais numeroso, era o mais impactante. Diferente dos escritos teóricos de *Panorama* e dos livros, nesta revista o debate se dava de forma primária e panfletária. O comunismo era identificado com morte, escuridão, assassinatos, doenças etc, sempre de forma superficial, sem aprofundamento e dados objetivos.

O objetivo era erigir um clima de tensão e medo, sempre alimentando a ilusão de que as forças comunistas no país estavam fortes o suficiente para tomar o poder, inclusive já organizados para tal feito. A historiografia rechaça essa possibilidade, demonstrando que os movimentos e partidos de esquerda, especialmente os comunistas, nunca tiveram força o suficiente para ameaçarem qualquer ordem estabelecida no Brasil. Pelo contrário, o Partido Comunista Brasileiro gozou de raros momentos de liberdade para atuação política. Anita Prestes deixa claro que nem mesmo no episódio supracitado, a Intentona Comunista, havia tal possibilidade de intervenção no país. Pelo contrário, era inviável promover a revolução das massas; sem mencionar a constante postura da Aliança Nacional Libertadora (ANL),[3] contrária ao golpismo (PRESTES, 2005, p. 101-120). Antonio Candido endossa tal análise afirmando que existia um medo irracional referente ao comunismo à época (CANDIDO, 1978, p. 12).

Esse temor foi explorado por *Anauê!*, ainda que não estivesse entre as temáticas principais, pois o comunismo mostrou-se sempre presente em suas

[3] Organização política de âmbito nacional fundada oficialmente em março de 1935 com o objetivo de combater o fascismo e o imperialismo.

edições, pouco aparecendo como centro dos escritos, mas muitas vezes citado de forma pejorativa. Fica mais claro perceber essa estratégia editorial tomando a totalidade de artigos publicados em suas 22 edições. Foram 375 textos veiculados, sendo que destes, apenas 14 tiveram como mote principal o comunismo. Por outro lado, quando é feito o levantamento de escritos que citaram questões ideológicas, percebe-se que o comunismo foi o alvo principal, tal como demonstra o quadro abaixo.

Quadro: posicionamentos políticos-ideológicos de *Anauê!**

Orientação	**1ª fase**	**2ª fase**	**Total**
Contra o comunismo	41	28	69
Contra a liberal-democracia e o capitalismo	27	11	38
Contra o materialismo**	11	1	12
Pró-Fascismos	4	9	13
Antissemita	8	3	11
Contra Getúlio Vargas***	5	---	5
Pró-Vargas	---	---	0

*Total geral, contabilizando as seções da revista. Aqui não entraram os recursos imagéticos (fotografias, desenhos, tirinhas e charges) nem frases soltas pela revista.
**Termo entendido como apego aos bens materiais, necessidade de consumo.
***Todas bastante sutis.

Como se observou, o comunismo foi citado 69 vezes, mas em apenas 14 artigos apareceu como tema central. Isso demonstra como a revista dava importância à questão, mesmo que diluída em outros assuntos. Todavia, deixa claro, também, que não pendia ao ataque maçante e sistemático ao comunismo. Deste modo, *Anauê!* contraria tanto a avaliação de Trindade como a de Oliveira, pois nem comunismo e nem liberalismo apareceram como questões centrais em suas páginas (levando-se em conta a totalidade de artigos), o que não significa ignorar o debate. Muito pelo contrário, fica explicito um projeto editorial executado de forma racional, buscando variar o conteúdo ao passo em que orientava o leitor de forma doutrinária.

Anauê!, como antípoda da imprensa chamada por eles de burguesa, preferiu num primeiro momento divulgar seu próprio movimento, apresentando-o como alternativa às experiências políticas fracassadas. Já em sua segunda fase (1937), optou por entrar na disputa eleitoral privilegiando essa temática em seu conteúdo, já que o chefe da AIB, Plínio Salgado, concorreria às eleições presidenciais marcadas para 1937. Sempre, claro, recheando as páginas com críticas e ironias ao modelo comportamental burguês, ancorado no materialismo e na vida urbana cosmopolita, e ao comunismo, algo que já era coro não apenas na imprensa integralista.

Em *Anauê!* o comunismo foi tratado via textos e imagens. Com maior frequência na primeira fase dentro dos artigos (12 entradas) e seções escritas, há considerável redução na segunda, com apenas 2 entradas (edições 15 e 22). Na primeira fase o debate concentrou-se no comunismo internacional e nas ações da ANL, em novembro de 1935. Isto é, o alvo sempre foi a doutrina externa, que poderia influenciar maleficamente os brasileiros, ou os "resultados" dela em solo nacional, sendo o exemplo indefectível a chamada "intentona comunista".

A verdade é que o anticomunismo é elemento fundamental nas organizações de extrema direita. Jefferson Barbosa lembra que era crucial para esses movimentos, no passado ou na contemporaneidade, balançar a bandeira comum do repúdio e afrontamento às organizações de esquerda (2011, p. 41), o que se viu, inclusive recentemente, em algumas manifestações de rua pró-fascistas em certas capitais do Brasil, pedindo ademais a volta da Ditadura Militar. O autor complementa explicando como a AIB atuou naquele ínterim dos anos 1930:

> Estas duas dimensões das disputas ideológicas: a sociedade civil e a sociedade política, segundo Gramsci, são ocupadas por duas estratégias as quais denominou guerra de posição e guerra de movimento. A primeira a ocupação de espaço na sociedade civil influenciando a opinião pública e a propaganda política visando à aquisição de novos militantes e, na segunda, a inserção dos militantes nas estruturas políticas institucionalizadas, através da estratégia eleitoral, visando a conquista da hegemonia política.
> O integralismo de Plínio Salgado, atuando nestas duas dimensões apresentou-se como proposta de salvaguardar o Brasil, em específico, do "eminente" perigo comunista, e, a atuação dos integralistas na sociedade civil e na sociedade política a partir de 1932 (Idem, p. 42).

Para tanto, valeu-se de uma "lógica" anticomunista nos escritos de imprensa e nos eventos púbicos, sempre alertando para um suposto e iminente golpe por parte dos vermelhos. Até mesmo para justificar novos posicionamentos o anticomunismo era usado, como bem demonstraram os textos de Gustavo Barroso,[4] impregnados de antissemitismo. Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus levantou a hipótese, bastante plausível, de que Barroso valia-se de uma leitura crítica do comunismo para atenuar os elementos raciais de seu discurso, o que permitia divulgar suas iniciativas antijudaicas em uma aparente crítica política (JESUS, 2011, p. 15). Isso é perceptível em alguns artigos de Barroso em *Anauê!*, na qual estabelece relações

[4] Advogado e jornalista, nascido em Fortaleza no ano de 1888. Junto com Plínio Salgado e Miguel Reale, compunha as lideranças principais da AIB.

superficiais entre o comunismo e a história de Israel (*ANAUÊ!*, n. 1, s/p). Nóbrega de Jesus expõe a "lógica" de Barroso:

> A ligação impossível entre capitalismo e comunismo era resolvida por ele, atribuindo aos dois um dominador e um objetivo comum, o judaísmo internacional e o controle da sociedade mundial. Nesse sentido, a passagem de um capitalismo internacional para o comunismo seria possível graças ao elemento judeu, responsável por essas duas formas de desagregação dos valores tradicionais da sociedade (JESUS, *Op. Cit.*, p. 24).

Trata-se de reconhecer que em nenhum momento se realizou discussão aprofundada sobre este tópico (comunismo), prevalecendo o tom panfletário. Essa tendência não era privilégio de *Anauê!*, mas até mesmo de livros menos teóricos. Por exemplo, naquele contexto, o médico integralista Wenceslau Júnior publicou *O integralismo ao alcance de todos*, escrito em linguagem popular e simplista, para chegar ao militante mais humilde e até mesmo às crianças. Ali resumiu as pretensões vermelhas como segue:

> O comunismo é uma porção de homens que também querem tomar conta do Brasil, para judiar com seus pais e desrespeitar a sua mãe e as suas irmãs. Se o comunismo vencer, você não será mais de seu pai. Pertencerá ao governo. Não morará mais em sua casa; não viverá com seus irmãos; não poderá tomar a benção de seu Pai e de sua Mãe. O comunismo acabará com tua família (Citado por TRINDADE, *Op. Cit.*, p. 241).

A estratégia era criar um clima de medo e tensão, sem nenhum embasamento teórico, apenas com o intuito de atrair militantes para as hostes da AIB. A revista ilustrada verde seguiu o mesmo caminho. Em sua 3ª edição, que circulou em agosto de 1935, as palavras do médico pareciam reproduzidas em outra ordem nas páginas da revista. Em texto intitulado "Pão, Terra, Liberdade!" (lema comunista), a redação contrapõe o mote integralista "Deus, Pátria, Família", até mesmo defendendo o sistema produtivo dos EUA em comparação ao soviético. Ou seja, para atacar o comunismo pinça como exemplo um modo de produção que também era alvo do integralismo: o liberalismo norte-americano. Mas o objetivo mesmo era denegrir sem cautela a ideologia vermelha:

> Sem Deus, sem Pátria e sem Família, não pode existir nem terra, nem pão, nem liberdade.
> Quereis a prova?
>
> I – O Pão

> Na Rússia um operário precisa trabalhar 17 horas para obter o alimento que um operário nos Estados Unidos obtém em 4 horas. Sabendo-se que o operário americano, no cruel regime liberal-democrático, já não está bem, calcule-se que pão come o operário russo.
>
> II – A Terra
> Na Rússia a terra é d camponês, mas a colheita pertence ao governo. Há dias veio um telegrama anunciando o fuzilamento de vários camponeses, por terem escondido um pouco de trigo para alimentarem suas famílias (...)
>
> III – A Liberdade
> Acaba de ser anunciada a pena de morte para crianças de 12 anos para cima. Quem anuncia? A agência telegráfica a serviço do próprio Soviet.
>
> CONCLUSÃO
> (...) Tereis de trabalhar 17 horas para comer mal. Podereis ter a terra, mas nunca o fruto da terra. Vossos filhinhos serão condenados à morte (...). (*ANAUÊ!*, nº 3, p. 8).

É explícito o objetivo de impactar, de apontar os russos comunistas como assassinos cruéis de crianças. Mas não só. A ideologia estrangeira destruiria as famílias, os casamentos e os empreendimentos das pessoas honestas, pois apenas os vagabundos, bandidos e prostitutas seguiriam tal movimento. Foi assim que trataram o levante da ANL em Natal:

> Das 19 horas de 23 às 4 horas de 27 de novembro, esteve a capital Potiguar sob o domínio dos comunistas.
> Quase 21 horas de rajadas de metralhadoras, fuzis, tiros secos de armas curtas.
> Caminhões cheios de bandeiras vermelhas, gritos, ameaças, insultos! Prostitutas armadas e eloquentes distribuíam prospectos concitando as famílias à adesão. E gritando que “tudo era igual e se acabara essa história de muié casada...”.
> Os principais armazéns arrombados pelos embates dos caminhões e saqueadores enquanto a “Junta Governativa Operária” mandava que o comércio abrisse, porque garantia tudo e todos. Assalto aos bancos, cofres abertos a maçarico, a talhadeiras.
> Uma multidão de desconhecidos, de vagabundos, de vadios, armados, municiados e **sequiosos de sangue, de morte e de gozo sexual**!
> Todos os presos da penitenciaria foram libertos e andaram incendiando cartórios e depredando, de fuzil em punho e revólver na cinta. Baixezas incríveis (*ANAUÊ!*, nº 6, p. 16 – grifos meus).

Essa era a imagem pública do comunismo proliferada por *Anauê!*, uma ideologia que se satisfazia com sangue, morte e sexo. Ora, dessa forma, o projeto de nação forte, saudável e moral (palavras de ordem integralistas) tornava-se uma

quimera, já que as famílias seriam destroçadas, a violência viraria rotina e a promiscuidade tomaria conta das relações humanas. Todo o esforço integralista se opunha a isso, zelando pela família tradicional, pela harmonia e pela higiene nas relações sexuais monogâmicas, evitando doenças e, consequentemente, a destruição da raça.[5]

Na edição nº 11, de junho de 1936, última vez em que o comunismo apareceu como tema central de um artigo na 1ª fase, a revista veiculou os 10 mandamentos do comunismo, reunindo tudo o que um adepto da doutrina deveria fazer. Eram os seguintes: Odiar o Senhor vosso Deus; amaldiçoar vosso Deus e Senhor; Desprezar o dia do Senhor; Desprezar pai e mãe; Matar; Impureza; Furtar; Mentir; Desejar a mulher do próximo; Preparar a revolução universal. Cada item dessa lista prolixa seguia com uma breve explicação e o texto terminava com apelo emocionado às famílias:

> Aí está, brasileiros, o tenebroso plano comunista. Urgo, portanto, a união sagrada de todos os filhos da grande Pátria Cristã, em defesa dos direitos de Deus, da Pátria e da Família (*ANAUÊ!*, nº 11, p. 26).

Na 2ª fase, os dois artigos que abordaram o comunismo foram menos agressivos, o primeiro relatando o ataque desesperado dos comunistas contra o fascismo na Europa, e o último, na derradeira edição, denunciando um suposto ataque comunista a um trem que carregava integralistas (edições nº 15, p. 17 e nº 22, p. 41).

Esse tom menos ácido nos artigos não significou arrefecimento. Muito pelo contrário. A mensagem mais incisiva passou a ser visual e curta, com charges, fotografias e frases soltas, além de rápidas explanações na seção "Internacional". É notório que as frases soltas de ataque ao comunismo avultaram a partir da 18ª edição, quando iniciam as tratativas entre Plínio e Vargas.[6] Se antes essas frases eram usadas para propagandear a candidatura de Salgado, a partir dali também para o anticomunismo. Percebe-se como ao mesmo tempo em que denunciou o

[5] Importa salientar que as ideias de eugenia eram fortes naquele momento e foram adotadas pela AIB como recurso para melhoria da raça brasileira, por isso falavam muito em relações monogâmicas, higiene e exercícios físicos constantes. Para mais detalhes sobre os debates em torno da questão da raça no Brasil, naquele contexto, ver SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

[6] No segundo semestre de 1937 Plínio Salgado e Getúlio Vargas se comunicavam vislumbrando um possível apoio do primeiro ao segundo, num eventual golpe. Isso se deu mediante a desistência de Salgado em concorrer à presidência e ao manifesto apoio dos integralistas ao presidente Vargas.

comunismo, a revista tratou de elevar o nome do integralismo e de demonstrar o seu apoio às forças governamentais:

> Contra um governo de frentes populares e de escravização à Rússia Soviética; contra a tirania plutocrática dos agentes do banqueirismo internacional, - votae em Plínio Salgado, o candidato do Brasil (*ANAUÊ!*, nº 18, p. 46).

> O comunismo será a derrocada do lar. Só uma força se levanta ao lado da armada e do exército contra a onda vermelha: o integralismo (*ANAUÊ!*, nº 20, p. 61).

> Um povo organizado, disciplinado, coeso se levantou para sustar a marcha do Gengis-Khan moscovita (*ANAUÊ!*, nº 21, p. 36).

No caso da iconografia utilizada por *Anauê!*, a mensagem era clara, sem poupar ataques ao comunismo. Durante a segunda fase, a imagem ao lado de críticas veiculadas na seção "Internacional" foram os espaços de maior concentração de discussões ideológicas, especialmente voltadas para a defesa do fascismo e impugnações ao comunismo. A imagem seguinte resume bem essa tendência, cujo caos é sinônimo de Moscou/Esquerda e a ordem e estabilidade é algo relacionado à Roma de Mussolini:

Figura 1: os caminhos de Roma e Moscou

Anauê!, nº 15, p. 21

Esse tipo de pedagogia visual foi constante nessa fase de *Anauê!* sob o comando de Hasslocher. Diferente de Eurípedes Menezes (o diretor da primeira fase), que não se valeu de charges ou cartuns, o novo dirigente entendeu que a

imagem era eficiente na transmissão de ideias anticomunistas para público ampliado. Predominou, mais uma vez, o foco sobre a política internacional, recurso que permitia à AIB defender sua visão de mundo sem se indispor com forças nacionais diretamente. Também isso pode refletir a pouca força da esquerda brasileira após 1935, quando o governo Vargas impôs leis e controle mais ferrenho sobre suas ações. Ou seja, não encontrando atividades de fato impactantes do comunismo nacional, a saída foi debater o internacional, insistindo nos perigos que poderiam trazer à nação.

Por isso Stálin tornou-se ícone de perversidade, tendo sua imagem e nome associados constantemente ao diabo, à tortura, à mentira e à destruição. Segue uma referência de seu comportamento comparando-o a uma cobra:

> Informam telegramas de Moscou que Stálin, ao receber um embaixador vermelho da Espanha, abraçou-o e beijou-o amorosamente. Afora a falta de higiene deste gesto e afora as cócegas do bigode tártaro do sultão do Kremlin, estas carícias não são nada para desejar...
> As jararacas também lambem as vítimas antes de mordê-la. E os antecedentes do ditador vermelho não são nada recomendáveis. Stálin é um grande admirador de Judas. Mandou até erguer a estátua do traidor em uma praça de Moscou. Admirador e imitador. Judas, com um beijo e trinta dinheiros entregou e vendeu o Mestre.
> Com trinta dinheiros e um beijo Stálin quer crucificar a Espanha! (*ANAUÊ!*, nº 16, p. 26).

Interessante notar como em vários excertos a revista faz referência a telegramas, a notícias ou denúncias sobre a União Soviética, sem citar ou oferecer as fontes de suas informações. Cai num denuncismo aleatório e retórico, como franca atiradora, preocupando-se apenas com o alvo. Não menos interessante é o apelo, sempre que possível, à questão religiosa, fortemente presente na AIB e na sociedade brasileira, comparando o líder soviético a Judas, apontado como traidor e ganancioso. Stálin era convertido, na interpretação bíblica de *Anauê!*, no traidor de Jesus, construção bastante eficaz na doutrinação de cristãos brasileiros.

Essa alcunha de carrasco e cruel foi alimentada constantemente, sendo que o líder soviético não poupava, de acordo com a visão dos camisas-verdes, nem mesmo as pessoas que trabalhavam junto a ele, como seu secretário. A seguir uma charge que expõe a crueldade do regime comunista junto aos trabalhadores, tal como *Anauê!* interpretava:

Figura 2: Stálin e seu secretário

Anauê!, nº 19, p. 24

Já a imagem abaixo revela Stálin como um gigantesco monstro pulando as muralhas do Kremlin, ao passo que cadáveres e ossadas aparecem como consequência dessa expansão da doutrina comunista, escorrendo como esgoto escoado da cidade. O título diz “Quando o Soviet transpõe as muralhas do Kremlim... leva a morte e destruição nos seus passos” (continuação no centro e à direita da imagem). Já a legenda denuncia a influência soviética na China, o que estava causando revoltas e mortes naquele país: “Essa alegoria impressionante fixa o rastro de Moscou no solo desgraçado da China. Mas os caminhos vermelhos também cortam as nações do Ocidente. E a Espanha é uma etapa atingida – etapa de sangue e de desolações”.

Figura 3: Soviet pulando o muro do Kremlin

Anauê!, nº 15, p. 27

Mas não apenas Stálin era apontado como o culpado por todos os males. O fato é que realmente fora o alvo principal, posto que governava a União Soviética, mas nas elucubrações da seção "Internacional" de *Anauê!* todo comunista era avaliado no mesmo grau, assim como suas dissensões internas eram ignoradas. Por exemplo, quando abordaram o refúgio de Trotsky no México, não mencionaram nada sobre seus desentendimentos com Stálin. Pelo contrário, Trotsky foi acusado de vir para a América pescar militantes e causar desagregações.

> Informam notícias fresquinhas do México, que Trotsky, o agitador vermelho de nariz adunco e lunetas de agiota resolveu, "abandonar a civilização" e internar-se pelas florestas para caçar e pescar. Isto de "abandonar a civilização" é conversa fiada, porque na Civilização ele nunca viveu.
> Mas ainda bem que o diabólico Catilina vermelho resolveu caçar lebres em vez de homens e pescar peixes em vez de conspirações.
> Não teve sucesso catequizando homens, foi ver se catequizava feras.
> Se Trotsky recebesse o meu recado, eu lhe mandaria uma sugestão: não seria melhor que em vez de caçar e pescar, fosse ele cultivar a terra, quer dizer, plantar batatas? (*ANAUÊ!*, nº 18, p. 24).

Aliás, não apenas os personagens de destaque do comunismo soviético preocupavam os camisas-verdes, como também os líderes que surgiam em outros países. Daí sustentavam a ideia de conspiração internacional que chegava ao Brasil. Em texto que chamavam a atenção para as eleições em todo o mundo e para os comunistas da Europa, finalizam alertando o Brasil sobre os perigos vermelhos pulsantes:

> As eleições em todo o mundo estão sendo disputadas entre os comunistas e os nacionalistas. Os partidos liberais envelheceram tanto que ficaram feito os cegos do Ceará: só andam guiados por

> uma varinha puxada por um menino. E o “menino de cego” de todo esse pessoal é o Komintern.
> Menino vadio, perverso, levado da breca que vai metendo o pé em tudo o que está na frente para dar passagem ao seu cego.
> O cego da França se chamava Léon Blum. O cego da Espanha se chamava Azaña. O cego da Bélgica é aquele acaciano Sr. Van Zeeland. O menino de cego foi dando pontapé em todo mundo, por toda a parte. Escondendo traquinamente a urna para os Degrelle, os Gonzales e os nacionalistas do mundo inteiro, enfim, não poderem votar.
> Há quem busque, quem ache graça nas traquinadas do menino cego... Mas cuidado! É bom não brincar com ele. Ele está no Brasil também, porque o brasil também tem o seu cego. É cego mesmo, mais cego do que os outros... (*ANAUÊ!*, nº 20, p. 12).

Como se vê, na avaliação da revista, todo e qualquer comunista era cego, não enxergava a realidade perversa advinda com a ideologia vermelha. Sempre que podia *Anauê!* ironizava ou denegria algum líder ou partido comunista espalhado pelo mundo. Léon Blum, líder da esquerda francesa, esteve entre os mais apontados, sendo acusado de baderneiro e de larápio. Quando perdeu seu posto, a revista não se conteve e proferiu: “Aliás, não é nada de admirar, pois o destino de toda fruta podre é cair...”(*ANAUÊ!*, nº 18, p. 24).

Quanto à Bulgária, a revista comemorou a prisão do considerado braço direito do líder comunista Georgi Dimitroff, em Genebra. E a seguir achincalhou: “ – Pobre Dimitroff! O que irá fazer sem seu braço direito? – Continuar a roubar com o esquerdo mesmo...” (*ANAUÊ!*, nº 20, p. 12). No entanto, na última vez em que a seção “Internacional” circulou, em novembro de 1937, ponderou que o comunismo estava espalhado feito peste em todo mundo porque se baseava em problemas sociais para os quais propunha uma alternativa. Como havia problemas sociais em todo o planeta, garantia seus seguidores. Por isso *Anauê!* afirmou que a solução para expurgar o inimigo vermelho era oferecer programas e soluções melhores e mais eficientes. Apontou Alemanha, Itália, Espanha e Portugal como exemplos, e claro, o integralismo subentendido como a solução nacional (*ANAUÊ!*, nº 21, p. 30).

É por isso que em diversos momentos, autores integralistas convergiram com as ideias de Plínio Salgado, que em tese não via o comunismo como o alvo principal. Para ele, devia-se atacar as moléstias sociais que propiciavam o desenvolvimento do comunismo entre os trabalhadores. Portanto a meta era oferecer uma alternativa mais coesa e efetiva que os vermelhos. O problema era o materialismo impregnado na sociedade, fomentado tanto pelo liberalismo burguês

como pelo comunismo internacional. O mundo material afastava os sujeitos da vida espiritual, sendo a raiz de todos os males (COSTA, 2012, p. 212-218).

Portanto, a linha de doutrinação de Plínio Salgado estava focada no comportamento do militante, na espiritualidade e na crítica ao materialismo. Embora essa fosse sua visão, ficou evidente que em *Anauê!* o materialismo pouco foi citado e o liberalismo apareceu como coadjuvante. Na revista ilustrada verde, cujo objetivo era ampliar a mensagem integralista para grande número de pessoas, o comunismo surgiu como a grande peste, o inimigo internacional a se combater com o fito de salvaguardar o Brasil de suas influências. Ainda que também não tenha sido a temática principal da revista, é preciso reiterar que, quando tratou de fazer críticas politico-ideológicas, a doutrina vermelha foi acidamente fustigada.

Portanto, ficou explícita uma espécie de engenharia editorial muito bem projetada em *Anauê!* para se angariar leitores que não necessariamente fossem camisas verdes. Mesmo com as críticas do Chefe Nacional da AIB à imprensa burguesa, percebe-se que em certo momento os integralistas perceberam que precisariam se valer dos mesmos recursos do "inimigo" para seduzir a opinião pública. Neste quesito, a revista ilustrada *Anauê!* surgiu como o elemento que contemplaria estas novas características, mais leves e acessíveis, para que os objetivos do partido fossem atingidos: inflar as hostes verdes com novos militantes e/ou eleitores. Para tanto, valeram-se da vulgarização da informação, abusando de textos e imagens panfletários, superficiais, mas bastante eficazes para a doutrinação pública.

Referências

ADAM, Peter. Art of the Third Reich. New York: Harry N. Abrams, 1995;

BARBOSA, Jefferson. Plínio Salgado e o anticomunismo dos intelectuais do sigma. In. RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson R. (orgs.). *Intelectuais e comunismo no Brasil: 1920-1950)*. Cuiabá: EDUFMT, 2011, p. 35-76.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In. CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas LTDA, 1978.

COSTA, Luis Mario Ferreira. Liberalismo e Comunismo: "as duas faces de Satanás" no jornal *A Offensiva*. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte.

Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista. Vol. 2. Guaíra: Sob Medida, 2012, p. 212-218.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos de 1930. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FIORUCCI, Rodolfo. *A trajetória da revista* Anauê! *(1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira - a "netinha" que não cresceu*. Goiânia: UFG, 2014.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. O anticomunismo de Gustavo Barroso: a crítica política como instrumento para um discurso antissemita. In. RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson R. (orgs.). *Intelectuais e comunismo no Brasil: 1920-1950)*. Cuiabá: EDUFMT, 2011.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. Porto Alegre, RS: PUC-RS, 2009.

PRESTES, Lenita. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). *Estudos Ibero-Americanos. PUCRS*, v. XXXI, n. 1, p. 101-120, junho 2005.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TRINDADE, Helgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

WELCH, David. *The Third Reich: politics and propaganda.* Londres: Routledge, 1995.